

DE QUILOMBO À TERRITÓRIO ANCESTRAL

cartografia social, memória e resgate da identidade negra na Penha



**Virgínia de Oliveira
do Espírito Santo**

Educadora da Rede Pública de Ensino da Prefeitura do Rio de Janeiro desde 1985. Iniciou sua carreira como professora primária e, atualmente, leciona Geografia para o Ensino Fundamental II na E/CRE(04.11.010) Escola Municipal Brant Horta. Formada em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), possui duas pós-graduações: uma em Educação Infantil e outra em Planejamento e Uso do Solo Urbano, ambas também pela UFRJ. Além de sua atuação na educação, também é planejadora urbana, o que complementa sua visão interdisciplinar e prática sobre o espaço e a sociedade. Ao longo de sua carreira, tem se destacado por seu compromisso com a educação de qualidade e com a inclusão. Em 2023, Virgínia foi laureada com o Prêmio Comdedine pelo melhor plano de aula antirracista da rede municipal do Rio de Janeiro (“Cartografia Social, Memória e Resgate da Identidade Negra na Penha - Do Quilombo da Penha à Construção do Enaltecimento do Território Ancestral da Penha”), demonstrando um contínuo empenho em promover uma educação equitativa e justa. Sua trajetória é marcada pela constante busca por melhorias no ensino e pela valorização da diversidade cultural e social em sala de aula.





Introdução

No Ginásio Educacional Tecnológico (GET) Brant Horta, desde janeiro de 2022, desenvolvemos uma prática de ensino envolvendo os alunos dos 6º, 7º, 8º e 9º anos, do Ensino Fundamental II, na temática da Cartografia Social, Memória e Resgate da Identidade Negra na Penha. Com a participação de 300 alunos, exploramos o território ancestral da Penha, do quilombo à construção do enaltecimento do território ancestral da Penha, através da disciplina de Geografia, com o auxílio da sala de leitura da escola. Esta experiência não apenas enriqueceu o entendimento histórico-cultural dos estudantes, mas também fortaleceu as consciências sobre questões de identidade e justiça social, promovendo um aprendizado significativo dentro e fora da sala de aula.

O objetivo principal do nosso plano de aula foi promover a compreensão profunda sobre a história e cultura afro-brasileira,

com destaque à importância histórica dos quilombos cariocas e das favelas. Procuramos criar um ambiente educacional inclusivo e participativo, para que todos os estudantes pudessem construir suas identidades raciais e culturais de forma positiva e valorizada, integrando a cultura *maker* e a tecnologia digital, a fim de proporcionar uma abordagem inovadora e aplicada, conectando os alunos de forma significativa com a diversidade étnica brasileira.

Seguindo o planejamento, embarcamos em uma experiência profunda de descoberta e aprendizado sobre a história e identidade negra na Penha, um bairro rico em cultura afro-brasileira e história quilombola. Ao longo desta viagem, mergulhamos em uma vivência que vai além dos livros didáticos, explorando territórios ancestrais e contemporâneos que moldaram não apenas o bairro, mas também nossa própria compreensão de identidade racial e comunitária.

Vivenciando a identidade negra na Penha: reflexão, cartografia e memórias afetivas

Tudo começa com uma reflexão essencial: por que é crucial conhecer, valorizar e potencializar a história e identidade negra na Penha? Esta questão serviu como pano de fundo enquanto discutimos o conceito de identidade racial. Afinal, entender quem somos e de onde viemos é fundamental não apenas para nossa própria autoimagem, mas também para a união e inclusão dentro de nossa comunidade.

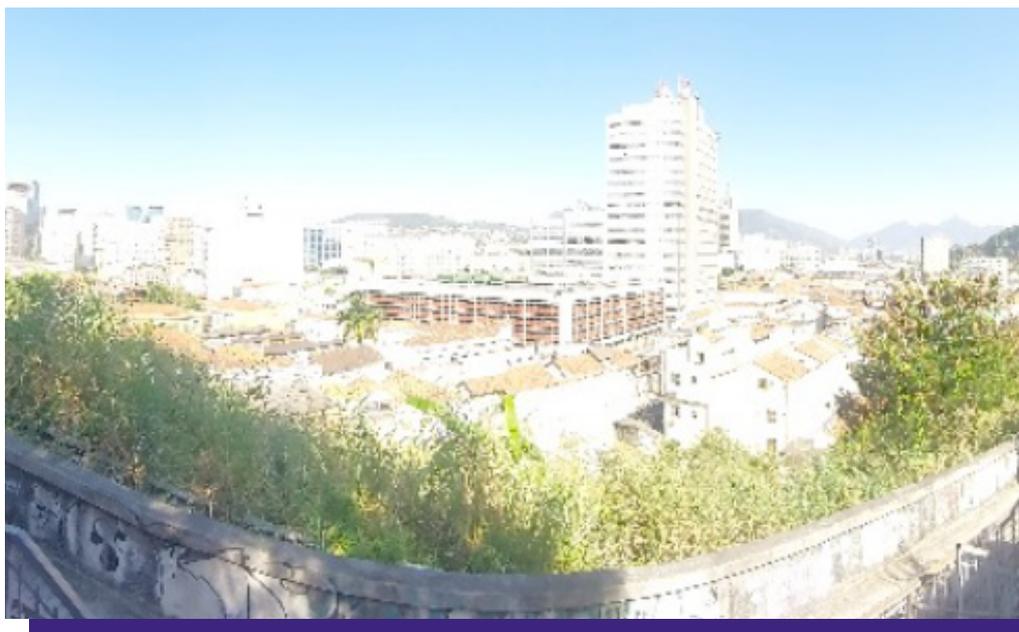
A experiência se expande com a introdução à cartografia social, uma ferramenta poderosa que nos permite mapear territórios não apenas geográficos, mas também culturais e identitários. Segundo Roberto Antônio Finatto e Maria Isabel Farias (2021), a cartografia social nos ajuda a valorizar as potencialidades de espaços significativos, como fizemos com o bairro da Penha, revelando

a complexidade e a riqueza de suas histórias e identidades entrelaçadas.

Em um momento de reflexão coletiva, os alunos foram convidados a compartilharem suas memórias afetivas da Penha e da cultura afro-brasileira. Essas narrativas pessoais não apenas enriqueceram nossa compreensão, mas também serviram como alicerces para a construção de um “mapa afetivo” do bairro. Cada marcação nesse mapa não é apenas um ponto no espaço, mas um testemunho vivo da história e da cultura que nos cercam.

Iniciamos a primeira aula apresentando o plano e explicando a importância de conhecer a história e identidade negra na Penha. A importância dessas questões foi destacada por uma discussão sobre identidade racial e a introdução à cartografia social para mapear territórios culturais e identitários. A discussão foi intensa e reveladora, com os alunos compartilhando suas próprias experiências e compreensões de identidade racial. Sentimos a necessidade de destacar essa importância ao perceber como muitos alunos desconheciam as ricas histórias e contribuições da comunidade negra local. Isso reforçou a urgência de proporcionar uma ação que valorizasse e resgatasse essas narrativas.

Na segunda aula, incentivamos os alunos a compartilharem memórias pessoais relacionadas à Penha e à cultura afro-brasileira, discutindo como



essas memórias constroem nossas identidades e preservam culturas. Vários alunos falaram sobre suas visitas ao Parque Ary Barroso, lembrando as festas e eventos culturais que ali aconteceram. Outros destacaram a importância da Igreja da Penha, não só como um marco religioso, mas também como um símbolo de resistência e reunião comunitária. Memórias das ações do grupo de dança Passinho Carioca no território, onde muitos participam na Arena Cultural Dicro, foram especialmente marcantes, evidenciando como a música e as artes são partes vitais da identidade local. Além disso, muitos alunos mencionaram o baile funk na praça da Vila Cruzeiro, e as batalhas de *slam* na quadra da Rua Crato, como elementos culturais vibrantes que influenciam profundamente suas vidas e identidades. Em casa, os alunos criaram um “mapa afetivo” destacando esses e outros lugares representativos,

como o Largo da Penha, onde muitos relataram experiências de infância e momentos de celebração comunitária. Essas atividades ajudaram a identificar o impacto que esses espaços têm na formação das identidades culturais e pessoais dos alunos.

Na terceira aula, exploramos a história da Penha desde o período dos quilombos até os dias atuais, destacando figuras históricas como Mestre Touro e Donga, que foram fundamentais na preservação da cultura e resistência afro-brasileira. Mestre Touro, com seu irmão Mestre Dentinho, são pioneiros da capoeira na Vila Cruzeiro, enquanto Donga deixou sua marca gravando o primeiro samba registrado, “Pelo Telefone”, no início do século XX.

Na quarta aula, aprofundamos a cartografia social, explicando seu funcionamento e importância. Orientamos os alunos na criação de mapas da Penha, marcando locais



culturais, históricos e de valor pessoal. Esses mapas não apenas destacaram a rica tradição cultural e histórica da Penha, incluindo o papel marcante da Igreja da Penha como símbolo de resistência, mas também ressaltaram a contribuição de figuras como Adriano “Imperador”, cuja trajetória no futebol iniciou no bairro, e o Dj Renan da Penha, que colocou a Penha de novo no cenário musical brasileiro. Essa abordagem integrada fortaleceu o vínculo dos alunos com a comunidade e ampliou compreensão sobre a importância da Penha na história afro-brasileira e na cultura carioca. Eles foram incentivados a pesquisar a história de locais específicos, como o parque Ary Barroso, a Igreja da Penha, o Plano Inclinado e a Arena Cultural Dicro, para enriquecer seus mapas.

Na quinta aula, organizamos uma visita aos locais históricos e culturais da Penha, como Parque Ary Barroso, Arena Cultural Dicro, Avenida Brás de Pina,

Largo da Penha, estátua do Mestre Touro, Parque Shangai, Plano Inclinado da Penha e Igreja da Penha, com um guia local, morador da região, credenciado pelo Ministério do Turismo. Durante a visita, os alunos coletaram informações, tiraram fotos e fizeram anotações para enriquecer seus mapas. Na aula seguinte, promovemos uma discussão sobre as experiências da visita, onde os alunos compartilharam o que aprenderam e como a visita contribuiu para a construção de seus mapas.

Como apresentado, durante a primeira fase do projeto, os alunos exploraram a história e identidade negra na Penha. Discutimos a importância da identidade racial, introduzimos a cartografia social e criamos “mapas afetivos” com base em memórias pessoais. Estudamos a história local, desde os quilombos até o presente, e visitamos locais históricos do bairro, coletando dados e enriquecendo nossos mapas.

Conexões entre o quilombo da Brant Horta e a Pequena África Carioca: as raízes ancestrais e contemporâneas que formam a nossa identidade

Na segunda fase, os alunos visitaram a Pequena África, área localizada na zona portuária da cidade do Rio de Janeiro, explorando as raízes ancestrais da comunidade negra em locais como o Cais do Valongo e a Pedra do Sal. A partir da visita, os alunos construíram uma cartografia social desses locais, destacando sua importância e preservação.

No preparo da visita, explicamos a importância do território da Pequena África, organizamos e realizamos a excursão, onde os alunos coletaram muitas informações. De volta à sala de aula, apresentaram seus mapas e discutiram a representatividade negra. Conectamos o Quilombo da Penha com a Pequena África,

PRÁTICAS DE ENSINO

explorando a participação negra contemporânea via pesquisas online e discussões. Os alunos investigaram figuras e iniciativas negras atuais, criando apresentações e debatendo suas contribuições.

Por fim, confrontamos questões difíceis sobre racismo ambiental e estrutural que persistem nas comunidades da Penha. Em rodas de conversa com organizações locais, examinamos como formas de discriminação impactam as oportunidades socioeconômicas e a qualidade de vida dentro de nossa comunidade. Referências como Milton Santos (1996) em “A Natureza do Espaço”, que explora as desigualdades socioeconômicas e espaciais que afetam comunidades marginalizadas, e Abdias do Nascimento (1980) em “O Genocídio do Negro Brasileiro”, que aborda o racismo estrutural e a resistência cultural das comunidades negras, forneceram uma base teórica sólida para essas discussões. Essas obras ajudaram a contextualizar e aprofundar a análise, oferecendo uma visão crítica sobre a organização desigual dos espaços urbanos e a perpetuação da discriminação através das políticas públicas, o que enriqueceu a compreensão dos alunos sobre as dinâmicas de racismo ambiental e estrutural.

Na aula sobre racismo ambiental, reforçamos a importância do tema explicando como ele afeta comunidades não-brancas, sobretudo negras e indígenas, destinando-lhes os prejuízos dos impactos ambientais, diante da falta de serviços públicos e políticas urbanas desfavoráveis. Representantes de organizações

locais, como os amigos da zona da Leopoldina, CEM Serra da Misericórdia, Observatório de Favelas e o Parque Ary Barroso, compartilharam exemplos concretos de racismo ambiental na Penha, como a ausência de coleta regular de lixo e o saneamento inadequado em áreas predominantemente negras, e a maior vulnerabilidade a enchentes devido à falta de infraestrutura adequada. Esses exemplos encorajaram os alunos a participarem ativamente da discussão.

Em seguida, promovemos uma nova discussão sobre como essa desigualdade socioambiental afeta o acesso às oportunidades econômicas e sociais, incentivando os alunos a compartilharem suas próprias reflexões e experiências. Depois, abordamos o conceito de racismo estrutural, mostrando como ele influencia a elaboração de políticas públicas ambientais urbanas e perpetua desigualdades. A roda de conversa continuou com exemplos de como o racismo



estrutural afeta as políticas públicas na cidade, como na distribuição desigual de recursos e serviços urbanos entre bairros ricos e pobres. Após essa discussão, incentivamos os alunos a refletirem sobre maneiras de combater o racismo ambiental e estrutural em suas comunidades.

Durante a discussão, surgiram várias proposições para combater o racismo ambiental e estrutural na Penha. Os alunos sugeriram a criação de um comitê comunitário para monitorar e exigir melhorias na infraestrutura urbana, como coleta de lixo e saneamento básico. Propostas para organizar campanhas de conscientização e educação ambiental nas escolas locais também foram apresentadas, visando informar a comunidade sobre seus direitos e maneiras de lutar por um ambiente mais justo e saudável. Além disso, a ideia de parcerias com ONGs e instituições acadêmicas para desenvolver projetos de pesquisa e intervenção social foi amplamente apoiada, para obter dados concretos e promover políticas públicas inclusivas.

Avaliação e impacto do projeto: promovendo identidades e reflexões críticas

Os alunos foram avaliados com base na qualidade de suas apresentações, na participação nas discussões e nas reflexões sobre as conexões entre o passado e o presente em relação à presença e participação negra em nossa cidade. A qualidade de sua cartografia social, a participação na discussão pós-visita e as reflexões sobre



a importância dos territórios ancestrais e da representatividade negra na história, também foram consideradas.

Além disso, a avaliação levou em conta a participação nas discussões; a qualidade de seus mapas afetivos e mapas da Penha; o conhecimento construído sobre a história do bairro e a reflexão sobre a visita ao território. Também foi observada a capacidade dos alunos de refletirem sobre o impacto do racismo ambiental e estrutural, além de maneiras de combater essa desigualdade.

A compreensão sobre a história e cultura afro-brasileira, a partir do bairro da Penha, foi destacada, incluindo a relevância dos quilombos e favelas. Avaliou-se a promoção da identidade racial e cultural, integrando a cultura *maker* e tecnologia digital mediante projetos que integraram ferramentas de design digital, produção de *podcasts* e *videocasts*, e o uso de aplicativos para mapeamento digital. A metodologia foi avaliada quanto à sua adequação ao contexto

e participação ativa dos alunos. As práticas contribuíram para o desenvolvimento crítico e sensível desses, impactando positivamente a comunidade escolar.

Esses momentos interconectados destacaram como a história e identidade negra moldam nossa sociedade, enfatizando a preservação e valorização da identidade negra. Observou-se o fortalecimento do senso de pertencimento e autoestima dos alunos, promovendo um ambiente mais respeitoso e enriquecedor no ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

FINATTO, Roberto Antônio; FARIAS, Maria Isabel. A Cartografia Social como recurso metodológico para o ensino de Geografia. **Geografia Ensino Pesquisa**, Santa Maria, RJ, v. 25, e03, 2021.

NASCIMENTO, A. **O Genocídio do Negro Brasileiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

SANTOS, Milton. **A Urbanização Brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1996.